

O CICLO DE EVOLUÇÃO DAS PRÁTICAS DE CONSUMO: Uma revisão sobre o comportamento do consumidor visto sob a ótica da teoria da prática

Autoria

Frederico Leocádio Ferreira - fredericoleocadio@gmail.com

Centro de Pós-Grad e Pesquisas em Admin – CEPEAD - Universidade Federal de Minas Gerais

Outro - Outra

Juliana Maria Magalhaes Christino - julianam.prof@gmail.com

Centro de Pós-Grad e Pesquisas em Admin – CEPEAD - Universidade Federal de Minas Gerais

Outro - Outra

Resumo

A teoria da prática é uma abordagem utilizada enquanto uma saída para o individualismo metodológico e o debate entre enxergar o mundo social por meio das estruturas ou pelo indivíduo. No consumo, essa abordagem é aplicada como forma de enxergar essa prática para além da simples troca monetária. Porém, diante de um extenso arcabouço teórico e de variadas conceituações e formas de operacionalização, torna-se necessário um debate acerca de qual a melhor forma de se trabalhar a teoria da prática no consumo. Para este fim, o artigo realiza uma revisão sistemática de 15 anos de publicação nas bases Web of Science e Scopus. Como resultado, propõe-se uma nova operacionalização dos elementos formadores da prática de consumo, bem como uma forma de enxergar o Ciclo de Evolução das Práticas, que perpassa estímulos, resistências e negociação.

O CICLO DE EVOLUÇÃO DAS PRÁTICAS DE CONSUMO: Uma revisão sobre o comportamento do consumidor visto sob a ótica da teoria da prática.

RESUMO

A teoria da prática é uma abordagem utilizada enquanto uma saída para o individualismo metodológico e o debate entre enxergar o mundo social por meio das estruturas ou pelo indivíduo. No consumo, essa abordagem é aplicada como forma de enxergar essa prática para além da simples troca monetária. Porém, diante de um extenso arcabouço teórico e de variadas conceituações e formas de operacionalização, torna-se necessário um debate acerca de qual a melhor forma de se trabalhar a teoria da prática no consumo. Para este fim, o artigo realiza uma revisão sistemática de 15 anos de publicação nas bases *Web of Science* e *Scopus*. Como resultado, propõe-se uma nova operacionalização dos elementos formadores da prática de consumo, bem como uma forma de enxergar o Ciclo de Evolução das Práticas, que perpassa estímulos, resistências e negociação.

Palavras-Chave: Teoria da Prática; Consumo; Elementos; Ciclo de Evolução das Práticas.

INTRODUÇÃO

Práticas são *nexus* de atividades humanas interconectadas e organizadas, mediadas por arranjos materiais e centralmente organizadas ao redor de três elementos: entendimentos compartilhados, que relacionam-se à capacidade de fazer algo, identificar e entender as ações dos outros, saber como fazer algo; regras explícitas, princípios, preceitos, instruções explícitas que direcionam o que deve ser dito e feito e; estruturas teleoafetivas, que teleoafetivas são ordens hierarquizadas de fins, propósitos, projeções, ações, crenças e emoções que se enquadram em um determinado campo de possíveis condições de vida (Schatzki, 1996; 2001). A prática aqui é vista enquanto uma entidade, formada por elementos que existem no ambiente, desconectados, e que acoplam-se materializando a prática, coordenando fazeres e dizeres que, performados continuamente, são concretizados e integradas ao cotidiano (Schatzki, 1996; Warde, 2005). Exemplos de práticas são práticas políticas, de culinária, educacional, de gerenciamento, de administração, de jardinagem, etc. Por sua vez, a definição de Reckwitz (2002) bebe das ideias de Schatzki (1996; 2001), propondo que práticas são, de fato, comportamentos rotinizados, formados por elementos, interconectados, na forma de atividades corporais, mentais, objetos e seus usos, conhecimento na forma de entendimento, *know-how*, estado de emoções e conhecimento motivacional. A prática depende da conexão e existência desses elementos. Um indivíduo, por sua vez, age enquanto um portador de práticas.

A maioria das práticas requer e implica consumo. A principal implicação da teoria da prática é que a fonte de mudança comportamental permanece no desenvolvimento que os indivíduos – enquanto praticantes – realizam da prática em si. O conceito de prática, inerentemente, combina reprodução e inovação. Para Warde (2005), essa prática materializa-se por meio de um eixo, formado por entendimentos, procedimentos e engajamentos, e consolida-se por meio de sua reprodução rotineira. Warde (2005) utiliza os conceitos de Schatzki (1996, 2001) – entendimentos, regras e estruturas teleoafetivas – para a sua teoria de práticas de consumo, adotando a nomenclatura de “entendimentos, procedimentos e engajamentos” para contextualizar para o contexto das práticas de consumo.

A teoria da prática aplicada ao consumo é uma teoria já fundamentada, com uma ascendência exponencial nos últimos anos em bases de dados como *Web of Science* e *Scopus*. Seus estudos concentram-se, principalmente, nas práticas de sustentabilidade e alimentares (Warde, 2014). Devido à multiplicidade de questões e oposições, não existe uma única abordagem sobre práticas, apesar da maioria dos pensadores a considerarem enquanto arranjos de atividades humanas e não humanas (Reckwitz, 2002; Gram-Hanssen, 2011; Warde, 2014). Ainda assim, suas concepções sobre o que constituem as atividades e o que as conectam variam (Warde, 2014; Huber, 2017; Gram-Hanssen, 2011; Warde, 2005; Reckwitz, 2002), o que gera uma dificuldade de operacionalização da teoria (Warde, 2014; Halkier and Jensen, 2011).

Assim, percebeu-se a necessidade de um levantamento sistemático que abarcasse os principais avanços empíricos na teoria, para então delinear uma abordagem teórica que abarcasse sistemicamente o que está sendo utilizado no campo, e propor uma operacionalização e uma nova forma de enxergar a prática de consumo.

O objetivo deste estudo foi propor, por meio de uma revisão sistemática, uma operacionalização da teoria da prática aplicada ao consumo. Para isto, realizou-se um levantamento nas bases *Web of Science* e *Scopus*, no período de 2004 a 2019, usando as palavras-chaves “practice theory” AND “consum*” OR “consum* practices” AND “practice theory”. Como filtro foram usadas as categorias ligadas à administração e ciências sociais, e excluiu-se artigos teóricos metodológicos – uma vez que se pretende verificar o avanço empírico da teoria no campo do comportamento de consumo – e os artigos que falavam sobre prática enquanto *performance*, uma vez que este trabalho segue a abordagem de prática enquanto entidade (Shove, Pantzar and Watson, 2012; Warde, 2005; Schatzki, 1996; 2001). Ao final, 97 artigos foram lidos na íntegra para a construção deste trabalho.

Quadro 1: Processo metodológico para construção da revisão sistemática

Processo	Nº artigos Web of Science	Nº de artigos Scopus
“practice theory AND consum*” OR “consum* practices” AND “practice theory”. Período 2004/2019	295	317
Business, Management, Business Finance, Sociology, Social Science Interdisciplinary, Social Issues, Social work/ Business, Management, Accounting; Social Science, Multidisciplinary.	134	244
Artigos que não tratavam sobre teoria da prática aplicada ao consumo	74	110
Artigos duplicados	0	46
Artigos teórico/metodológico	16	17
Artigos que usam a prática enquanto <i>performance</i>	7	11
Amostra final de artigos após da leitura aprofundada	37	60
	Total de artigos para análise	97 artigos

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

ELEMENTOS

Percebeu-se, ao ler em profundidade os artigos pertencentes à esta revisão, que uma divergência teórica pode ser encontrada – e que já é apontado por artigos anteriores (Warde, 2014; Halkier and Jensen, 2011) enquanto um ponto negativo da teoria da prática, devido à sua pluralidade conceitual e teórica. Aqui, pretende-se discutir as principais abordagens teóricas utilizadas, e propor uma síntese e proposição de nova categorização, que englobe os principais pontos em cada teoria e supra *gaps* conceituais existentes. Até então, argumentou-se sobre os elementos de Schatzki (1996; 2001), Reckwitz (2002) e Warde (2005).

Shove, Pantzar e Watson (2012) trabalha a dinâmica da trajetória de práticas de consumo, sua emergência, persistência e desaparecimento. Práticas sociais consistem em elementos que são integrados quando práticas são realizadas, e focam sua teoria nos elementos da prática; sobre os *profissionais*, que à medida que aderem à prática, permite sua repetição e consolidação e; sobre o *feixe* de práticas ao qual a prática reestruturada incorpora-se. Estas práticas emergem, persistem e desaparecem à medida que os elos entre seus elementos definidores são feitos e quebrados. Existem na sua visão três elementos que conectam as

práticas: (i) **materiais**, objetos, infraestruturas, ferramentas, *hardware* e o próprio corpo; (ii) **competências**, que envolvem *know-how*, conhecimento e compreensão básicos e; (iii) **significado**, emoção, conhecimento motivacional, representando o significado social e simbólico da prática.

Magaudda (2011) utiliza dos conceitos de Shove, Pantzar e Watson (2012), e propõe o “circuito da prática”, um esquema analítico do processo de mudança nos padrões da prática de consumo, objetivando explicar as dinâmicas e transformações na prática do ponto de vista de consumidores e atores humanos. No esquema de Magaudda (2011), além da relação entre os elementos, existe influências na prática do indivíduo, no nível concreto no qual práticas são criadas, estabilizadas e transformadas.

Gram-Hanssen (2011) faz um apanhado das principais teorias, e discursa então sobre práticas sustentáveis, suas trajetórias e mudanças, definindo prática enquanto “uma coleção de fazeres e dizeres realizados por um indivíduo, mas formados e sustentados por elementos compartilhados coletivamente”, sendo esses: (i) **hábitos corporais e know-how**, ou como o corpo absorve e foi socializado para aprender como fazer, dizer ou apreciar algo; (ii) **regras explícitas e conhecimentos institucionalizados**, princípios, preceitos, instruções e conhecimento técnico; (iii) **engajamentos**, que envolve reflexividade, entender o que as pessoas querem dizer ou fazer com suas práticas e; (iv) **tecnologia** enquanto grandes redes e infraestrutura sociotécnica ligando práticas em muitos níveis e esferas diferentes.

Torkkelli, Mäkelä e Niva (2018), por sua vez, propõem o *Triângulo das Práticas*, uma ferramenta de operacionalização onde os elementos propostos por Shove, Pantzar e Watson (2012) são agrupados com os de Warde (2005), servindo como uma forma de analisar a trajetória das práticas, bem como a organização dos fazeres e dizeres – ou seja, as ocorrências de *performance* situacional.

Huber (2017) traz uma abordagem de teoria da prática voltada para o consumo colaborativo, onde considera a prática enquanto uma entidade, sugerindo: Materialidade, instituições, significado e competências. Materialidade e significado são conceitos provenientes de Shove, Pantzar e Watson (2005), enquanto que instituições referem-se às regras, enquanto conhecimento teórico, baseado em regras explícitas; e competências seriam um conhecimento mais tácito, adquirido por meio de uma *performance* repetitiva de dada prática ou diversas práticas similares.

Em uma tentativa de síntese, com base nos conceitos e semelhanças entre os elementos anteriormente citados, sugere-se uma divisão em quatro elementos, sendo eles: (i) **tecnologias e materiais**, que englobam objetos, itens de consumo e ferramentas, grandes redes de infraestruturas sociotécnicas e *hardwares* (Shove, Pantzar and Watson, 2012; Magaudda, 2011; Gram-Hanssen, 2011; Warde, 2005); (ii) **procedimentos técnicos**, que envolvem *know-how*, conhecimentos institucionalizados e compreensão básica (Shove, Pantzar and Watson, 2012; Magaudda, 2011; Warde, 2005), regras explícitas, princípios e preceitos, instruções e conhecimento técnico e teórico – coisas explícitas que direcionam, censuram e instruem o praticante (Gram-Hanssen, 2011; Huber, 2017; Warde, 2005); (iii) **entendimentos tácitos**, que envolvem saber fazer algo, enquanto característica da prática em si, incorporado ao corpo do praticante enquanto hábito, absorvido, socializado e aprendido por meio da *performance* repetitiva de dada prática ou diversas práticas similares (Gram-Hanssen, 2011; Huber, 2017; Warde, 2005) e; (iv) **engajamentos**, que envolvem reflexividade, entender o que as pessoas querem dizer ou fazer com suas práticas (Gram-Hanssen, 2011), atividades mentais, emoção, conhecimento motivacional, fins e propósitos, representando o significado social e simbólico da prática (Shove, Pantzar and Watson, 2012; Warde, 2005; Magaudda, 2011; Huber, 2017).

Quanto se discursa sobre os processos que envolvem a mudança na prática, os trabalhos encontrados tratam sobre o processo de mudança na prática, que ocorre frente a um desalinhamento de seus elementos, causados por algum estímulo (Phipps and Ozane, 2017), e

depende de fatores intrínsecos ao indivíduo (Phipps and Ozanne, 2017; Sahakian and Wilhite, 2014; Spurling *et al.*, 2013), externos ao indivíduo (Sahakian and Wilhite, 2014; Spurling *et al.*, 2013), além da infraestrutura e recursos necessários (Spurling *et al.*, 2013; Sahakian and Wilhite, 2014). Intrínseco ao indivíduo têm-se o conhecimento que incorporam tanto física quanto mentalmente (Sahakian and Wilhite, 2014), consciências práticas sobre como fazer, e consciências discursivas sobre o que é a prática (Spurling *et al.*, 2013). Externos ao indivíduo incorpora contextos socialmente fundamentados, uma categoria ampla que inclui tudo, desde normas e valores sociais, às constituições e estruturas legais (Sahakian and Wilhite, 2014; Spurling *et al.*, 2013). A infraestrutura e recursos necessários também possui agência e determina se práticas serão consolidadas ou não (Spurling *et al.*, 2013; Sahakian and Wilhite, 2014).

Assim, a revisão sistemática será categorizada de acordo com: (i) estímulos à prática, que são trabalhos que evidenciam o que acontece a uma determinada prática de consumo quando novos elementos são introduzidos, estimulando uma mudança ou reorganização dessas práticas; (ii) resistência à prática, que dizem respeito à luta das práticas para se estabelecer dentro do *nexus* de práticas pertencentes ao cotidiano do praticante e; (iii) o negociar do praticante, que compreende trabalhos que buscam entender os motivos que levam à materialização de uma prática – ou seja, a conexão de seus elementos, e que levam, por conseguinte, à sua performance e desenvolvimento – sob o viés do praticante, que sofre influências intrínsecas e externas que modelam as práticas, contribuindo para sua adesão ou declínio.

O ESTÍMULO À PRÁTICA

A categoria “O Estímulo às Práticas” compreende 32 artigos, dentro dos temas sobre sustentabilidade (17), alimentos (7), práticas de mobilidade (3), práticas de consumo colaborativo (3), práticas de consumo consciente (1) e práticas em mídias sociais (1). Estímulos podem ser provenientes de iniciativas governamentais, empresariais, biológicas ou por estímulos sociais. Dentro de **iniciativas governamentais**, têm-se como exemplo, a instalação de calculadoras de emissão de carbono, *Smart Grid* ou tecnologias de medição do uso de recursos (Salo *et al.*, 2019; Naus and van der Horst, 2017; Nyborg, 2015; Mela *et al.*, 2018), renovação de habitações (Judson *et al.*, 2014), substituição de aquecedores (Ariztia *et al.*, 2019), programas de transição energética (Seyfang *et al.*, 2010), instalação de máquinas de reciclagem (Giardullo, 2019), projetos visando redução de consumo energético (Gram-Hanssen, 2010; Hebrok and Heidenstrom, 2019), sistemas alimentares (O’Keefe *et al.*, 2016), locais experimentais para apoiar práticas de mobilidade mais sustentáveis (Laakso, 2019), privatização dos meios de fornecimento energético (Vihalemm and Keller, 2016) ou reformas econômicas (Hansen, 2017). **Iniciativas de organizações privadas** têm-se a introdução de um Sistema de produto-serviço sustentável– SPSS (Mylan, 2015); de mudanças em um *design* de um entretenimento televisivo (Pettersen, 2016); *design* do produto (Gruen, 2016) e do *website* (Philip *et al.*, 2019), de programas incentivando uma comportamentos sustentáveis, mobilidade sustentável de funcionários e consumo colaborativo (Hargreaves, 2011; Heisserer and Rau, 2017; Piscicelli *et al.*, 2015), *checkouts* de atendimento em supermercados (Bulmer *et al.*, 2018), ou introdução de supermercados e feiras *online* (Fuentes and Svingstedt, 2017). **Estímulos biológicos** podem ser representados por períodos de seca prolongada, que levam à mudanças nas configurações das práticas diárias visando reduzir o consumo de água (Chappels *et al.*, 2011). Sobre **estímulos sociais**, têm-se a disseminação do discurso sustentável “Going Green” na Austrália (Moloney and Strengers, 2014), discursos sobre sustentabilidade em uma comunidade *FairPhone* (Svenson, 2018), aulas de culinária oferecidas para pessoas com instabilidade social (Dyen and Siriex, 2016), programas de gerenciamento de peso (Jauho *et al.*, 2016), viagens de férias (Gojard and Véron, 2018), inserção de carros elétricos em uma

sociedade (Ryghaug and Toftaker, 2014), discursos de mídia (Keller and Halkier, 2014) e identidade familiar (Westberg et al., 2017).

Como conclusão, percebe-se que a **força da prática está no quanto os elementos formadores estão acoplados**, e quanto mais acoplados, maior a resistência às mudanças e inovações (Mylan, 2015; Pettersen, 2016; Svenson, 2018; Nyborg, 2015; Gram-Hanssen, 2010; Piscicelli et al., 2015). Elementos, quando conectados, são o que dão sustentação à prática, ajudando a manter ligado os fazeres e dizeres envolvidos (Shove et al., 2012; Gram-Hanssen, 2010), e uma vez desconectados, a prática deixa de existir. Logo, intervenções devem ser capazes de visar não apenas a tecnologia, mas as habilidades e significados e sua integração – dando suporte aos nós que sustentam o *nexus* da prática (Pettersen, 2016; Nyborg, 2015; Ryghaug and Toftaker, 2014; Moloney and Strengers, 2011). À medida que intervenções e estímulos conseguem atuar em todos os elementos, fortalecendo-os, é mais provável que as mudanças conseguirão se estabelecer e integrar-se à prática (Gruen, 2016; Philip et al., 2019; Salo et al., 2019; Naus and van der Horst, 2017).

Além de fortalecer os elementos é necessário com que **eles trabalhem com sinergia**, contribuindo para que a prática possa ocorrer com eficiência e possa se estabelecer, o que pode exigir adequação entre elementos novos e tradicionais, bem como entre práticas novas e aquelas já estabelecidas no cotidiano – principalmente no quesito temporalidade e espacialidade –, o que evidencia a necessidade de um conhecimento holístico para que a intervenção e mudança/reorganização da prática possa ser efetiva (Nyborg, 2015; O’Keefe et al., 2016; Dyen and Sirieux, 2016; Hebrok and Heidenstrom, 2019; Fuentes and Svingstedt, 2017; Hargreaves, 2011; Naus and van der Horst, 2017; Ariztia et al., 2019; Chappels et al., 2011; Judson et al., 2014; Giardullo, 2019; Gojard and Véron, 2018; Jauho et al., 2016; Laakso, 2019).

É também apontada a **força de fatores externos** – como a pressão social, sistema de provisão, caráter afetivo, discursos de mídia, contato com situações prejudiciais ao longo da vida e prescrições – para normalizar novas práticas ao longo da sua evolução social (Bulmer et al., 2018; Heisserer and Rau, 2017; Hanssen, 2017; Keller and Halkier, 2014; Westberg et al., 2017; Vihalemm and Keller, 2016).

O RESISTIR DA PRÁTICA

A categoria “O Resistir da Prática” compreende 37 artigos, dentro dos temas sobre práticas alimentares (14) e práticas sustentáveis (11), seguido de práticas de entretenimento (2), maternidade (3), mídias sociais (3), consumo colaborativo (2), consumo consciente (1), e práticas de mobilidade (1). Nas palavras de Scheurenbrand et al., (2018) as práticas competem, lutam, se chocam, e então algumas prosperam e outras não conseguem se estabelecer e desaparecem. A força dos elementos constituintes dessas práticas torna-se importante nesse *nexus*, e a ausência de força de um deles pode comprometer toda uma prática (Scheurenbrand et al., 2018), assim como a força de elementos de práticas já estabelecidas que exija negociação e promovem o declínio de práticas (Fuentes, 2014; Breadsell et al., 2019). A aquisição de novas práticas, ou a alteração de práticas já existentes, envolve uma mudança em seus elementos e sua incorporação na vida cotidiana (Fraanje and Spaargaren, 2019).

A prática é pertencente a um *nexus* de outras práticas do cotidiano (Gannon and Prothero, 2015; Meah and Jackson, 2017), onde os elementos podem viajar entre práticas, reestruturando a dinâmica entre elas (Shove and Walker, 2010; Hagberg, 2016; Boyer, 2016), o que comprova a necessidade de se entender a prática e todas suas interconexões e contextos (Robinson and Arnould, 2019; House, 2019; Koponen and Niva, 2020). Como exemplos, configuram-se a prática de ser um bom filho em idas ao supermercado, que se conecta com a prática do bom pai (Gram and Gronhoj, 2016; Keller and Ruus, 2014).

As práticas de um ***nexus* podem apoiar e dar sustentação** – ou apoiar e sustentar – outras práticas, e essa interligação entre práticas presentes no histórico do praticante pode facilitar ou tornar difícil para que qualquer inovação ocorra (Breadsell et al., 2019; Wolff et al.,

2017; Retamal, 2019). As práticas podem interligar-se a uma metaprática, mais central e controladora, que ajuda na consolidação, organização e materialização da ordem relativa das práticas e da ordem social como um todo – como a prática da maternidade (Molander, 2011), do homeoffice (Hampton, 2017) e práticas de comunidade (Steigemann, 2017). Existe, inclusive, um movimento do praticante a aliar-se a *mundos conhecidos*, à práticas que coexistam com outras já estabelecidas em seu cotidiano, mesmo que inconscientemente (Nielsen and Moller, 2016; Wertheim-Heck et al., 2014a; Wertheim-Heck et al., 2014b). Essas práticas, realizadas diariamente, reproduzem relações de confiança há muito estabelecidas e culturalmente incorporadas.

A resistência de uma prática representa então um desalinhamento entre os elementos da prática ou de práticas vinculadas. Esse desalinhamento entre os elementos do *nexus* de práticas, pode representar o seu declínio e da sua atratividade (Seregina and Weijo, 2017), bem como gerar tensões associadas a uma perda da estrutura de vida diária (Feiereisen *et al.*, 2018), sendo necessário estratégias para sua reestruturação e mitigação de seus efeitos negativos. Delaney e Fam (2015) defendem a importância da história, da cultura e da emoção para a construção do elemento estudado, destacando a importância da maneira que uma prática é realizada e os múltiplos significados – variantes de pessoa pra pessoa – que acompanham essa forma de fazer. O significado também pode ser favorecido por meio de regulamentos, produtos e corporações (Martin et al., 2019). **Dentro de um nexus, uma prática pode também competir com as demais**, como a prática de comer fora, que tem de incorporar-se nas brechas do cotidiano do praticante, dependente de outras práticas presentes na rotina diária, pertencentes a um estilo de vida agitado, rotinas de mobilidade e percepção de falta de tempo (Pfeiffer et al., 2017).

A **negociação pode ser favorecida** pelo compromisso e fidelização a um projeto de identidade (Holttinen, 2014), ou por meio de concessões ao orquestrar novas trajetórias de práticas buscando aliviar conflitos decorrentes da incongruência ideológica entre a natureza do espaço e distinções associadas (Mamali and Nutall, 2016), ou mesmo devido a atingir uma meta prática, como manter a privacidade em meios *online* (Yap et al., 2012). A negociação, todavia, não está localizada apenas no micro nível – consumidor –, mas requer uma constelação de outros profissionais, objetos, guias, a fim de dar vida à prática por meio de sua performance (Thurnell-Read, 2018).

O NEGOCIAR DO PRATICANTE

A categoria “O Negociar do Praticante” compreende 36 artigos, dentro dos temas sobre práticas sustentáveis (14) e alimentares (9); seguido de práticas de consumo consciente (4), práticas de maternidade (2), entretenimento (2), mobilidade (2), mídias sociais (1), consumo e produção (1) e consumo colaborativo (1). Conclui-se que diferentes elementos podem gerar estilos de se *performar* uma prática de forma diferente (Guyader, 2019; Hartmann, 2016; Murphy and Patterson, 2011; Molander, 2017), o que comprova o caráter contextual da prática, podendo variar no micronível, de praticante para praticante. Uma mesma prática pode possuir significados diferentes, negociado de acordo com papéis de gênero e intrageracional (Bartiaux and Salmón, 2014; Khalid and Sunikka-Blank, 2017); ou de acordo com valores morais e visões de mundo, necessidades, condições sociodemográficas, normas sociais ou regras de conduta, emoção, experiências passadas, compromissos e o corpo do praticante (Hess et al., 2018; Pullinger *et al.*, 2013; Madsen and Gram-Hanssen, 2017; Bartiaux and Salmón, 2012; Dyen *et al.*, 2018; Revilla and Salet, 2018; Bisaga and Parikh, 2018; Tucker, 2018; Ho, 2015; Orlando, 2018; Perera et al., 2018).

Greene e Rau (2018) acrescentam a essas afirmações quando defendem que as práticas não são estáticas e imutáveis, como também os indivíduos não são portadores estáticos e imutáveis dos elementos da prática, onde esses, ao longo da vida de um indivíduo, se conectam, se reorganizam e se desfazem inúmeras vezes em sua bibliografia. Madsen e Gram-Hanssen (2017) discursam sobre a influência dos sentidos individuais para a materialização de uma

prática, definindo como ela será realizada – um praticante sente uma sala quente ou fria enquanto confortável, dependendo da situação, o que irá determinar como realizará suas práticas nesses locais. Em seu estudo sobre como pais de primeira viagem adquirem suas práticas de ser pai/mãe, Thomas e Epp (2019) pontuam que a habituação dessa nova prática, que não possui capacidades provenientes de práticas anteriores, contam com a capacidade dos participantes de anteciparem possíveis desalinhamentos nos elementos da prática, bem como a capacidade de perceber uma possível compatibilidade e substituição de elementos da prática, permitindo sua integração. Por fim, Moraes *et al.* (2017) defendem que qualquer ação de responsabilidade social corporativa só funcionará se os significados em torno de determinado objeto consumido forem co-construídos e se tornarem centrais para o nexo de atividades e todos os elementos de prática, o que será possível atentando-se aos fatores acima mencionados.

Não somente o nível micro influencia na materialização e *performance* de uma prática, mas também o nível macro, abordado enquanto um contexto social, cultural e institucional exemplificado: pelas redes sociais, pressão de pares, normas sociais e busca por aceitação social (Hennell, Piacentini and Limmer, 2020; Khalid and Sunikka-Blank, 2017); a prática de tomar banho (Westrom, 2017), ou acerca da configuração de um ambiente doméstico “adequado” ou de práticas de mobilidades redefinidas e ressignificadas de acordo com as exigências de “novas classes médias” (Khalid and Sunikka-Blank, 2017; Anantharaman, 2017); tipos de família, tipos de moradia e o papel da mulher na relação familiar (e fora dela) (Retamal and Schandl, 2017); significados religiosos (Khalid and Sunikka-Blank, 2017). A instituição pode contribuir também para a aquisição, seja pelo *design* fornecido que dê recompensas ao praticante (Mu, Spaargaren and Lansink, 2019), ou pela infraestrutura fornecida (Khalid and Sunikka-Blank, 2017).

PROPOSIÇÃO DE SÍNTESE: O Ciclo de Evolução das Práticas

Pautando-se das lacunas sugeridas pelos trabalhos pertencentes à revisão sistemática percebe-se que há uma sugestão para que a prática seja analisada de forma recursiva e sinérgica. Os trabalhos dentro dos **estímulos** sugerem que sejam analisados fatores intrínsecos e externos que colocam o praticante no papel de negociador para a adoção ou declínio de práticas (Bulmer *et al.*, 2018; Fuentes and Svingstedt, 2017; Hansen, 2017; Philip *et al.*, 2019; Svenson, 2018), bem como do papel do *nexus* para a normalização da prática no cotidiano (Svenson, 2018; Naus and van der Horst, 2017; Salo *et al.*, 2019). Por sua vez, os trabalhos dentro do **resistir**, também sugerem que sejam estudados fatores influenciadores (Feiereisen *et al.*, 2018; Martin *et al.*, 2019; Trees and Dean, 2018), bem como estímulos que continuam acontecendo na história da prática e que levam à evolução (Hansen, 2016). Por fim, no **negociar do praticante**, os trabalhos sugerem que sejam considerados o *nexus* de práticas (Perera *et al.*, 2018; Moraes *et al.*, 2017; Revilla and Salet, 2018; Dyen *et al.*, 2018) e os estímulos que influenciam tanto a prática quanto os influenciadores (Perera *et al.*, 2018; De Kervenoael *et al.*, 2014; Moraes *et al.*, 2017; Thomas and Epp, 2019; Nair and Spotswood, 2015). Visto dessa forma, em cada um dos três estágios mencionados, existe a premissa que a pesquisa se expanda para os demais, em um ciclo de evolução recursivo e contínuo. Assim, este tópico irá propor um Ciclo de Evolução das Práticas, uma maneira de compreender a evolução de uma prática desde o estímulo que incentivará a mudança, passando pela resistência que ela encontrará para se estabelecer dentro do *nexus* do cotidiano do praticante, pela negociação que o praticante fará de acordo com suas motivações individuais e influências externas, para, enfim, consolidar-se enquanto prática, rotinizada e habituada.

Compreender uma prática é entendê-la holisticamente, seus elementos, suas interconexões, sua história, sua integração, sua existência. Segundo Shove *et al.* (2012), os elementos formadores de uma prática existem, possuem uma história, e a prática só passa a existir quando esses elementos são conectados e *performados*. Os autores ilustram essa dinâmica com a prática de dirigir, que existe há décadas, mas que, porém, sofreu uma série de

mudanças e reestruturações, incentivadas por **estímulos**. Estímulos podem ser provenientes de iniciativas governamentais, empresariais, biológicas ou por estímulos sociais (Salo et al., 2019; Mela *et al.*, 2018; Ariztia et al., 2019; Giardullo, 2019; Hebrok and Heidenstrom, 2019; Laakso, 2019; Philip et al., 2019; Heisserer and Rau, 2017; Bulmer et al., 2018; Fuentes and Svingstedt, 2017; Chappels et al., 2011; Gojard and Véron, 2018; Westberg et al., 2017). Esses estudos focam nos **critérios para que esses estímulos sejam bem-sucedidos** e, de fato, incentivem uma evolução na prática – ou posto de outra forma, uma reestruturação de seus elementos e da prática como um todo. Esses critérios são pontuados enquanto: (i) considerar todos os elementos formadores da prática; (ii) delimitar o escopo da prática, o que inclui conhecer todo o seu *nexus*, uma vez que uma prática não existe sozinha, mas em consonância com outras já estabelecidas no cotidiano do praticante – cotidiano este, envolto em tempo e espaço limitantes de sua dinâmica e; (iii) considerar o contexto ao qual a prática está inserida – ou seus vários contextos diferentes – uma vez que, uma mesma prática pode ser performada de forma diferente, dependendo do contexto atuante.

Uma vez estimulada, a prática pode **enfrentar resistências** à sua evolução no Ciclo, representado por um **desalinhamento entre os seus elementos, ou desalinhamentos entre outras práticas do *nexus***, já estabelecidas e tradicionais na história e cotidiano do praticante (Seregina and Weijo, 2017; Scheurenbrand et al., 2018; Meah and Jackson, 2017; Franjee and Spaargaren, 2019). Esse desalinhamento gera tensões no praticante, representando a perda na sua estrutura de vida diária, como perda na sociabilidade pela individualização da prática de ver séries de televisão em *streaming* (Feiereisen et al, 2018). Isso gera a necessidade de negociação e estratégias para sua reestruturação e mitigação (Feiereisen et al, 2018; Breadsell et al., 2019). Dentro desse *nexus* existirão **as práticas que serviram de suporte, apoio e motivação** de outras (Breadsell et al., 2019; Wolff et al., 2017; Retamal, 2010; Leray et al., 2016; Brons and Oosterveer, 2017; Pellandini-Simányi and Vargha, 2020; Hagberg, 2016) ou metapráticas (Molander, 2017; Hampton, 2017; Steigemann, 2017; Yap et al., 2012).

Essas práticas, já estabelecidas e tradicionais, formadas ao longo da vida do praticante, representaram uma resistência quando o estímulo à evolução perturbe a ordem do *nexus*, tornando-se **assim práticas concorrentes**, ou competitivas, que competirão principalmente, por tempo e espaço (Shove et al., 2012), fatores delimitadores do cotidiano e estilo de vida dos praticantes (Trees and Dean, 2018). Assim, as práticas passam por negociações diárias entre as práticas concorrentes, juntamente com elementos que se conectem às formas existentes de fazer e dizer do praticante (Spaargaren et al., 2013; Holttinen, 2014; Elms et al., 2016). A negociação pode ser favorecida pelo compromisso e fidelização a um projeto de identidade (Holttinen, 2014); por meio de concessões ao orquestrar novas trajetórias de práticas buscando aliviar conflitos decorrentes da incongruência ideológica entre a natureza do espaço e distinções associadas (Mamali and Nutall, 2016); e por meio da capacidade do praticante de se planejar e antecipar possíveis desalinhamentos, bem como estratégias de realinhamento (Thomas and Epp, 2019).

O praticante assume qual prática aderir a fim de adequá-las às suas demandas temporais e espaciais, aos significados concebidos ao longo de sua vida, e à sua inteligibilidade prática. Porém, a agência do indivíduo também irá ser determinante enquanto **o praticante assume o papel de negociador** diante fatores motivadores que influenciarão quais elementos adotar (ou não) na evolução da prática adotada, negociados diante de papéis de gênero e intergeracionais (Bartiaux and Salmón, 2014; Khalid and Sunikka-Blank, 2017; Orlando, 2018; Nair and Spotswood, 2015), valores morais e visões de mundo, condições socioeconômicas, normas sociais ou regras de conduta que julgam serem adequadas à seguir, experiências passadas e conhecimentos acumulados na história do praticante (Hess et al., 2018; Pullinger *et al.*, 2013; Madsen and Gram-Hanssen, 2017; Bartiaux and Salmón, 2012; Dyen *et al.*, 2018; Revilla and Salet, 2018; Bisaga and Parikh, 2018; Tucker, 2018; Ho, 2015). A adesão de uma prática

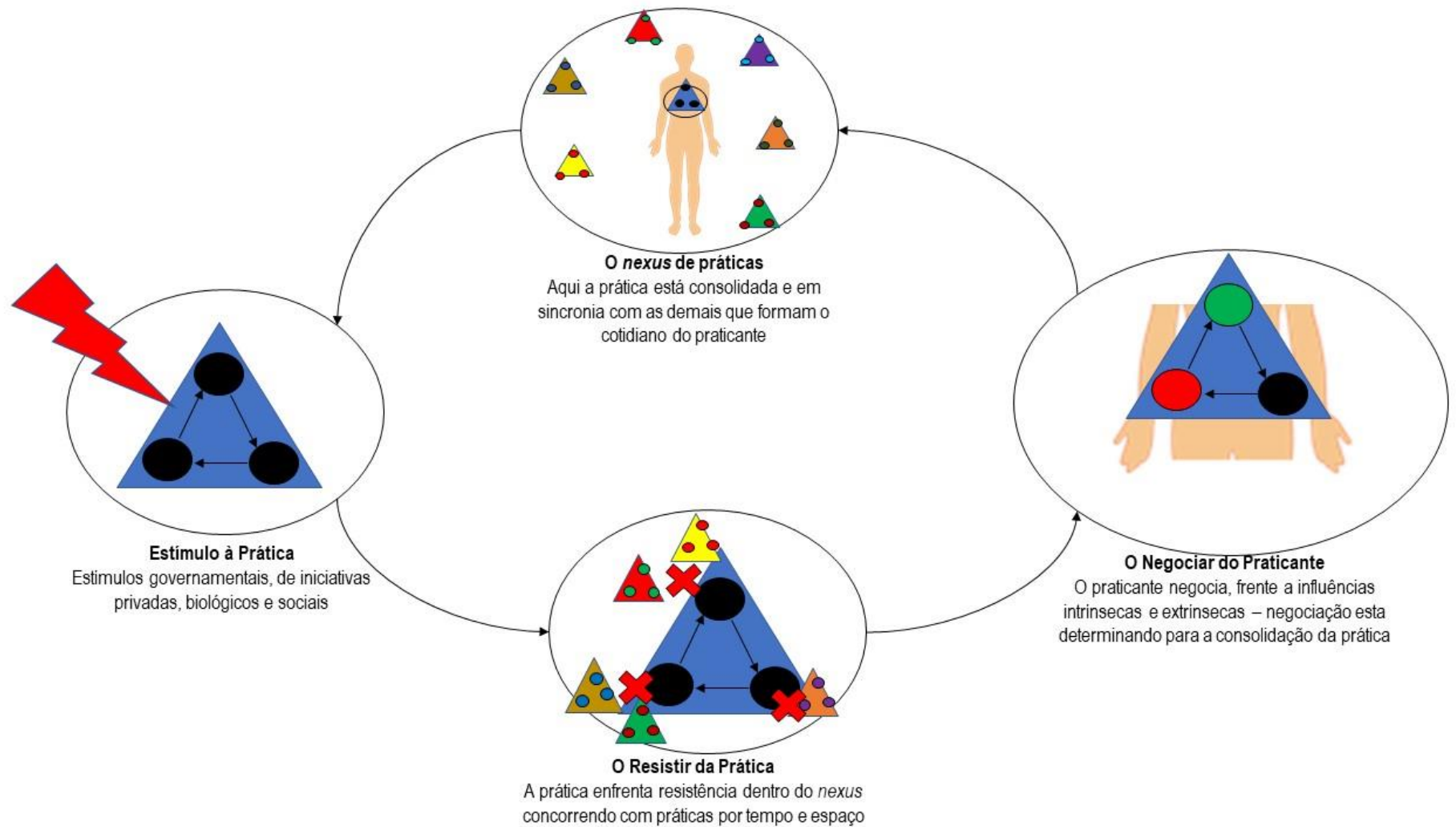


Figura 1 - O Ciclo de Evolução das Práticas
 Fonte: Dados da pesquisa (2021).

também irá depender de fatores socio-cultural-institucional, como a pressão de pares e busca por aceitação social (Hennell et al., 2020; Khalid and Sunikka-Blank, 2017); tipos de família, tipos de moradia e o papel da mulher na relação familiar (e fora dela) (Retamal and Schandl, 2017); significados religiosos (Khalid and Sunikka-Blank, 2017) e; infraestrutura e regulamentos fornecida por instituições (Mu et al., 2019; Khalid and Sunikka-Blank, 2017; Pellandini-Simányi and Vargha, 2020).

Uma vez que uma prática passa pelo Ciclo, retorna ao *nexus* de práticas que formam o cotidiano do praticante, rotinizada (Phipps and Ozanne, 2017; Warde, 2005) e habituada (Thomas and Epp, 2019) junto às práticas de suporte (Leray et al., 2016) e metapráticas (Molander, 2017; Hampton, 2017; Steigemann, 2017). Assim, a prática existe, até que novos estímulos venham a ocorrer. Têm-se então, o Ciclo de Evolução das Práticas, representado na Figura 11.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa revisão, novos caminhos surgem para os estudos sobre comportamento do consumo sob o viés da teoria da prática. Dá-se mais um passo para além do individualismo metodológico, e percebe-se que, para que uma prática se estabeleça, além de se conhecer os elementos formadores, deve-se conhecer o *nexus* de outras práticas que formam o cotidiano do praticante, e entender o contexto interno e externo ao qual essa prática se desenvolve. Em uma tentativa de operacionalização, o estudo propõe que se enxergue os elementos da prática enquanto: (i) tecnologias e materiais, (ii) procedimentos técnicos, (iii) entendimentos tácitos e (iv) engajamentos, com base nas teorias de Shove, Pantzar e Watson (2012), Magaudda (2011), Gram-Hanssen (2011), Warde (2005), Huber (2017), Reckwitz (2002) e Schatzki (1996).

Propõem-se nesta revisão um novo *framework* teórico, uma nova forma de enxergar a prática de consumo, de forma sistêmica e dentro de um Ciclo de Evolução, focando em todos os seus estágios de evolução: (i) estímulos governamentais, organizacionais, biológicos e sociais, que incitam mudanças; (ii) o resistir de práticas tradicionais pertencentes ao *nexus* do cotidiano, frente a inovações e; (iii) o negociar do praticante diante à influências intrínsecas e extrínsecas. Uma prática de consumo, para que se estabeleça, tem que aderir-se ao cotidiano do praticante, em um *nexus* de práticas de apoio, concorrentes e de metapráticas, lutando por tempo e espaço. Para além, uma prática de consumo para se estabelecer passa por uma série de negociações no âmbito do praticante, diante a fatores intrínsecos e extrínsecos limitadores. Uma vez estabelecida, a prática se mantém até que estímulos ocorram, inferindo uma mudança ou reorganização de elementos.

Levando em consideração a falta de uma concordância na maneira de enxergar uma prática de consumo, ou na falta de um consenso sobre a forma de se operacionalizar a teoria – relacionado a quais elementos considerar e qual estágio analisar dentro da trajetória de uma prática – o trabalho têm seu ganho, propondo um *framework* sistêmico, em uma tentativa de estado da arte, compreendendo uma revisão sistemática de 15 anos de estudo. Porém, o trabalho limita-se à duas bases de dados. Para futuros trabalhos, mais bases de dados (EBSCO, Elsevier) poderiam ser utilizadas. Para além, sugere-se a aplicação do Ciclo em contextos empíricos, seja em práticas alimentares e sustentáveis, quanto em práticas de consumo colaborativo, consumo consciente, entretenimento, maternidade, mídias sociais, dentre outros.

Finaliza-se essa revisão com uma sugestão de uma nova abordagem de análise, e uma chamada por mais trabalhos que possam compreender a prática em toda a sua complexidade, história e concretude, para que políticas públicas possam atuar com maior assertividade, para que consumos indesejáveis possam de fato ser combatidos, para que se compreenda a prática enquanto contexto, enquanto diferença, mas que passa por um Ciclo de Evolução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anantharaman M (2017) Elite and ethical: The defensive distinctions of middle-class bicycling in Bangalore, India. *J Consumer Culture* 17(3): 864-886.

- Ariztia T, Fonseca F and Bernasconi O (2019) Heating ecologies: Resituating stocking and maintenance in domestic heating. *Energy Research and Social Science – ERSS*, 47: 128-136.
- Bartiaux F and Salmón LR (2012) Are there domino effects between consumers' ordinary and 'green' practices? An analysis of quantitative data from a sensitisation campaign on personal carbon footprint. *International Review of Sociology* 22(3): 471-491.
- Bartiaux F and Salmón LR (2014) Family dynamics and social practice theories: An investigation of daily practices related to food, mobility, energy consumption, and tourism. *Nature and Culture* 9(2): 204-224.
- Bisaga I and Parikh P (2018) To climb or not to climb? Investigating energy use behaviour among Solar Home System adopters through energy ladder and social practice lens. *ERSS* 44: 293-303.
- Boyer RH (2016) Achieving one-planet living through transitions in social practice: a case study of Dancing Rabbit Ecovillage. *Sustainability: science, practice and policy* 12(1): 47-59.
- Breadsell JK, Byrne JJ and Morrison GM (2019) Household energy and water practices change post-occupancy in an Australian low-carbon development. *Sustainability* 11(20): 5559.
- Brons A and Oosterveer P (2017) Making sense of sustainability: A practice theories approach to buying food. *Sustainability* 9(3): 467.
- Bulmer S, Elms J and Moore S (2018) Exploring the adoption of self-service checkouts and the associated social obligations of shopping practices. *J Retailing and Consumer Services* 42(2018): 107-116.
- Chappells H, Medd W and Shove E (2011) Disruption and change: drought and the inconspicuous dynamics of garden lives. *Social and Cultural Geography* 12(7): 701-715.
- De Kervenoael R, Hallsworth A and Elms J (2014) Household pre-purchase practices and online grocery shopping. *J Consumer Behaviour* 13(5): 364-372.
- Delaney C and Fam D (2015) The 'meaning' behind household rainwater use: An Australian case study. *Technology in Society* 42(2015): 179-186.
- Dyen M and Sirieix L (2016) How does a local initiative contribute to social inclusion and promote sustainable food practices? Focus on the example of social cooking workshops. *International J Consumer Studies* 40(6): 685-694.
- Dyen M, Sirieix L, Costa S, Depezay L and Castagna E (2018) Exploring the dynamics of food routines: a practice-based study to understand households' daily life. *European J Marketing* 52(12): 2544-2556.
- Elms J, De Kervenoael R and Hallsworth A (2016) Internet or store? An ethnographic study of consumers' internet and store-based grocery shopping practices. *J Retailing and Consumer Services* 32(2016): 234-243.
- Feiereisen S, Rasolofoarison D, De Valck K and Schmitt J (2019) Understanding emerging adults' consumption of TV series in the digital age: A practice-theory-based approach. *J Business Research* 95(2019): 253-265.
- Fraanje W and Spaargaren G (2019) What future for collaborative consumption? A practice theoretical account. *J Cleaner Production* 208(2019): 499-508.
- Fuentes C (2014) Managing green complexities: consumers' strategies and techniques for greener shopping. *International J Consumer Studies* 38(5): 485-492.
- Fuentes C and Svingstedt A (2017) Mobile phones and the practice of shopping: A study of how young adults use smartphones to shop. *J Retailing and Consumer Services* 38(2017): 137-146.

- Gannon V and Prothero A (2016) Beauty blogger selfies as authenticating practices. *European Journal of Marketing* 50(9/10): pp.1858-1878.
- Giardullo P (2019) Automatizing Green Practices? The Analysis of Reverse Vending Machines as a Re-contamination of Theories of Practices. *Sociologica* 13(3): 149-166.
- Gojard S and Véron B (2018) Shifts in provisioning routines: do holidays favour more local and seasonal food purchases? *Environmental sociology* 5(3): 283-293.
- Gram M and Grønhøj A (2016) Meet the good child. 'Childing' practices in family food co-shopping. *International Journal of Consumer Studies* 40(5): 511-518.
- Gram-Hanssen K (2010) Standby consumption in households analyzed with a practice theory approach. *J Industrial Ecology* 14(1): 150-165.
- Gram-Hanssen K (2011) Understanding change and continuity in residential energy consumption. *J consumer culture* 11(1): 61-78.
- Greene M and Rau H (2018) Moving across the life course: A biographic approach to researching dynamics of everyday mobility practices. *J Consumer Culture* 18(1): 60-82.
- Gruen A (2017) Design and the creation of meaningful consumption practices in access-based consumption. *J Marketing Management* 33(3-4): 226-243.
- Guyader H (2018) No one rides for free! Three styles of collaborative consumption. *J Services Marketing* 32(6): 692-714.
- Hagberg J (2016) Agencing practices: a historical exploration of shopping bags. *Consumption Markets and Culture* 19(1): 111-132.
- Halkier B and Jensen I (2011). Methodological challenges in using practice theory in consumption research. Examples from a study on handling nutritional contestations of food consumption. *J Consumer Culture*, 11(1): 101-123.
- Hampton S (2017) An ethnography of energy demand and working from home: Exploring the affective dimensions of social practice in the United Kingdom. *ERSS*, 28: 1-10.
- Hansen AR (2017) Transport in transition: Doi moi and the consumption of cars and motorbikes in Hanoi. *J Consumer Culture* 17(2): 378-396.
- Hargreaves T (2011) Practice-ing behaviour change: Applying social practice theory to pro-environmental behaviour change. *Journal of consumer culture* 11(1): 79-99.
- Hartmann BJ (2016) Peeking behind the mask of the prosumer: Theorizing the organization of consumptive and productive practice moments. *Marketing Theory* 16(1): 3-20.
- Hebrok M and Heidenstrøm N (2019) Contextualising food waste prevention-Decisive moments within everyday practices. *J Cleaner Production* 210(2019): 1435-1448.
- Heisserer B and Rau H (2017) Capturing the consumption of distance? A practice-theoretical investigation of everyday travel. *J Consumer Culture* 17(3): 579-599.
- Hennell K, Piacentini M and Limmer M (2020) Exploring health behaviours: understanding drinking practice using the lens of practice theory. *Sociology of health and illness* 42(3): 627-642.
- Hess AK, Samuel, R and Burger P (2018) Informing a social practice theory framework with social-psychological factors for analyzing routinized energy consumption: A multivariate analysis of three practices. *ERSS* 46: 183-193.
- Ho E (2015) Bound by ethical complexities and socio-material histories: an exploration of household energy consumption in Singapore. *Energy Research and Social Science* 10: 150-164.
- Holtinen H (2014) How practices inform the materialization of cultural ideals in mundane consumption. *Consumption Markets and Culture* 17(6): 573-594.
- House J (2019) Modes of eating and phased routinisation: Insect-based food practices in the Netherlands. *Sociology* 53(3): 451-467.

- Huber A (2017) Theorising the dynamics of collaborative consumption practices: A comparison of peer-to-peer accommodation and cohousing. *Environmental Innovation and Societal Transitions* 23: 53-69.
- Jauho M, Mäkelä J and Niva M (2016) Demarcating social practices: The case of weight management. *Sociological Research Online* 21(2): 10-22.
- Judson EP, Iyer-Raniga U and Horne R (2014) Greening heritage housing: understanding homeowners' renovation practices in Australia. *Journal of Housing and the Built Environment* 29(1): 61-78.
- Keller M and Halkier B (2014) Positioning consumption: A practice theoretical approach to contested consumption and media discourse. *Marketing Theory* 14(1): 35-51.
- Keller M and Ruus R (2014) Pre-schoolers, parents and supermarkets: co-shopping as a social practice. *International Journal of Consumer Studies* 38(1): 119-126.
- Khalid R and Sunikka-Blank M (2017) Homely social practices, uncanny electricity demands: Class, culture and material dynamics in Pakistan. *Energy research and social science* 34: 122-131.
- Koponen S and Niva M (2020) New Nordic upmarket bistros and the practical configurations of artful dining. *Food, Culture and Society* 23(1): 30-45.
- Laakso S (2019) Experiments in everyday mobility: Social dynamics of achieving a sustainable lifestyle. *Sociological Research Online* 24(2): 235-250.
- Leray L, Sahakian M and Erkman S (2016) Understanding household food metabolism: Relating micro-level material flow analysis to consumption practices. *Journal of Cleaner Production* 125(2016): 44-55.
- Madsen LV and Gram-Hanssen K (2017) Understanding comfort and senses in social practice theory: Insights from a Danish field study. *ERSS* 29: 86-94.
- Magaudda P (2011) When materiality 'bites back': Digital music consumption practices in the age of dematerialization. *Journal of Consumer Culture* 11(1): 15-36.
- Mamali E and Nuttall P (2016) Mobilizing hegemonic practices in trajectories of conspicuous resistance. *European Journal of Marketing* 50(9-10).
- Martin DM, Harju AA, Salminen E and Koroschetz B (2019) More Than One Way to Float Your Boat: Product Use and Sustainability Impacts. *Journal of Macromarketing* 39(1): 71-87.
- Meah A and Jackson P (2017) Convenience as care: Culinary antinomies in practice. *Environment and Planning* 49(9): 2065-2081.
- Mela H, Peltomaa J, Salo M, Mäkinen K and Hildén M (2018) Framing smart meter feedback in relation to practice theory. *Sustainability* 10(10): 1-22.
- Molander S (2011) Food, love and meta-practices: A study of everyday dinner consumption among single mothers. *Research in Consumer Behavior* 13: 77-92.
- Molander S (2017) Not just a mother: embodied and positional aspects of consumer learning from a practice perspective. *Consumption Markets and Culture* 20(2): 131-152.
- Moloney S and Strengers Y (2014) 'Going green'?: the limitations of behaviour change programmes as a policy response to escalating resource consumption. *Environmental Policy and Governance* 24(2): 94-107.
- Moraes C, Carrigan M, Bosangit C, Ferreira C and McGrath M (2017) Understanding ethical luxury consumption through practice theories: A study of fine jewellery purchases. *Journal of Business Ethics* 145(3): 525-543.
- Mu W, Spaargaren G and Lansink AO (2019) Mobile apps for green food practices and the role for consumers: a case study on dining out practices with Chinese and Dutch young consumers. *Sustainability* 11(5): 1-19.
- Murphy S and Patterson M (2011) Motorcycling edgework: A practice theory perspective. *Journal of Marketing Management* 27(13-14): 1322-1340.

- Mylan J (2015) Understanding the diffusion of Sustainable Product-Service Systems: Insights from the sociology of consumption and practice theory. *Journal of Cleaner Production* 97(2015): 13-20.
- Nairn A and Spotswood F (2015) Obviously in the cool group they wear designer things. *European Journal of Marketing* 49(9/10): 1460-1483.
- Naus J and van der Horst HM (2017) Accomplishing information and change in a smart grid pilot: Linking domestic practices with policy interventions. *Environment and Planning C: Politics and space* 35(3): 379-396.
- Nielsen HO and Møller, KT (2016) Studying place practices and consumption through volunteer-employed photography. *Journal of Consumer Culture* 16(3): 781-800.
- Nyborg S (2015) Pilot users and their families: Inventing flexible practices in the smart grid. *Science and Technology Studies* 28(3): 54-80.
- O'Keefe L, Mclachlan C, Gough C, Mander S and Bows-Larkin A (2016) Consumer responses to a future UK food system. *British Food Journal* 118(2): 412-428.
- Orlando G (2018) From the risk society to risk practice: organic food, embodiment and modernity in Sicily. *Food, Culture and Society* 21(2): 144-163.
- Pellandini-Simányi L and Vargha Z (2020) How risky debt became ordinary: A practice theoretical approach. *Journal of Consumer Culture* 20(2): 235-254.
- Perera C, Auger P and Klein J (2018) Green consumption practices among young environmentalists: A practice theory perspective. *Journal of Business Ethics* 152(3): 843-864.
- Petterson IN (2016) Fostering absolute reductions in resource use: the potential role and feasibility of practice-oriented design. *Journal of Cleaner Production* 132(2016): 252-265.
- Pfeiffer C, Speck M and Strassner C (2017) What leads to lunch—How social practices impact (non-) sustainable food consumption/eating habits. *Sustainability* 9(8): 1-17.
- Philip HE, Ozanne LK and Ballantine PW (2019) Exploring online peer-to-peer swapping: a social practice theory of online swapping. *Journal of Marketing Theory and Practice* 27(4): 413-429.
- Phipps M and Ozanne JL (2017) Routines disrupted: Reestablishing security through practice alignment. *Journal of Consumer Research* 44(2): pp.361-380.
- Piscicelli L, Cooper T and Fisher T (2015) The role of values in collaborative consumption: insights from a product-service system for lending and borrowing in the UK. *Journal of Cleaner Production* 97(2015): 21-29.
- Pullinger M, Anderson B, Browne AL and Medd W (2013) New directions in understanding household water demand: a practices perspective. *Journal of Water Supply: Research and Technology* 62(8): 496-506.
- Reckwitz A (2002) Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. *European journal of social theory* 5(2): 243-263.
- Reckwitz A (2002). Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. *European journal of social theory*, 5(2): 243-263.
- Retamal M (2019) Collaborative consumption practices in Southeast Asian cities: Prospects for growth and sustainability. *Journal of Cleaner Production* 222: 143-152.
- Retamal M and Schandl H (2018) Dirty laundry in Manila: Comparing resource consumption practices for individual and shared laundering. *Journal of Industrial Ecology* 22(6): 1389-1401.
- Revilla BP and Salet W (2018) The social meaning and function of household food rituals in preventing food waste. *Journal of cleaner production* 198(2018): 320-332.
- Robinson TD and Arnould E (2020) Portable technology and multi-domain energy practices. *Marketing Theory* 20(1): 3-22.

- Ryghaug M and Toftaker M (2014) A transformative practice? Meaning, competence, and material aspects of driving electric cars in Norway. *Nature and Culture* 9(2): 146-163.
- Sahakian M and Wilhite H (2014). Making practice theory practicable: Towards more sustainable forms of consumption. *Journal of Consumer Culture*, 14(1): 25-44.
- Salo M, Mattinen-Yuryev MK and Nissinen A (2019) Opportunities and limitations of carbon footprint calculators to steer sustainable household consumption—Analysis of Nordic calculator features. *Journal of Cleaner Production* 207(2019): 658-666.
- Schatzki T (2001) Introduction: Practice Theory. in *The Practice Turn in Contemporary Theory*, Theodore R. Schatzki, Karin Knorr-Cetina, and Eike von Savigny, eds. London: Routledge, pp.1–14.
- Schatzki TR (1996) *Social practices: A Wittgensteinian approach to human activity and the social*. Cambridge University Press.
- Scheurenbrand K, Parsons E, Cappellini B and Patterson A (2018) Cycling into headwinds: Analyzing practices that inhibit sustainability. *Journal of Public Policy and Marketing* 37(2): 227-244.
- Seregina A and Weijo HA (2017) Play at any cost: How cosplayers produce and sustain their ludic communal consumption experiences. *Journal of Consumer Research* 44(1): 139-159.
- Seyfang G, Haxeltine A, Hargreaves T and Longhurst N (2010) *Energy and communities in transition: Towards a new research agenda on agency and civil society in sustainability transitions* (10-13).
- Shove E and Walker G (2010) Governing transitions in the sustainability of everyday life. *Research policy* 39(4): 471-476.
- Shove E, Pantzar M and Watson M (2012) *The dynamics of social practice: Everyday life and how it changes*. Sage.
- Spaargaren G, Van Koppen CSA, Janssen AM, Hendriksen A and Kolfschoten CJ (2013) Consumer responses to the carbon labelling of food: A real life experiment in a canteen practice. *Sociologia Ruralis* 53(4): 432-453.
- Spurling N, McMeekin A, Shove E, Southerton D and Welch D (2013). *Interventions in Practice: Re-Framing Policy Approaches to Consumer Behaviour*. Manchester: Sustainable practices research group.
- Steigemann AM (2017) Social practices in a café: community through consumption? *Geographica Helvetica* 72(1): 45-54.
- Svenson F (2018) Smartphone crises and adjustments in a virtual P3 community—doing sustainability oriented smartphone consumption. *Journal of Marketing Management* 34(7-8): 664-693.
- Thomas TC and Epp AM (2019) The best laid plans: Why new parents fail to habituate practices. *Journal of Consumer Research* 46(3): 564-589.
- Thurnell-Read T (2018) The embourgeoisement of beer: Changing practices of ‘Real Ale’ consumption. *Journal of Consumer Culture* 18(4): 539-557.
- Torkkeli K, Mäkelä J and Niva M (2018) Elements of practice in the analysis of auto-ethnographical cooking videos. *Journal of consumer culture* 20(4): 543-562.
- Trees R and Dean D (2018) Physical and emotional nourishment: Food as the embodied component of loving care of elderly family relatives. *European journal of marketing* 52(12): 2405-2422.
- Tucker CA (2018) Food practices of environmentally conscientious New Zealanders. *Environmental Sociology* 5(1): 82-92.
- Vihalemm T and Keller M (2016) Consumers, citizens or citizen-consumers? Domestic users in the process of Estonian electricity market liberalization. *Energy Research and Social Science* 13: 38-48.

- Warde A (2005) Consumption and theories of practice. *Journal of consumer culture* 5(2): 131-153.
- Warde A (2014) After taste: Culture, consumption and theories of practice. *Journal of Consumer Culture* 14(3): 279-303.
- Wertheim-Heck SC, Spaargaren G and Vellema S (2014) Food safety in everyday life: Shopping for vegetables in a rural city in Vietnam. *Journal of Rural Studies* 35: 37-48.
- Wertheim-Heck SC, Vellema S and Spaargaren G (2014). Constrained consumer practices and food safety concerns in Hanoi. *International Journal of Consumer Studies* 38(4): 326-336.
- Westberg K, Beverland MB and Thomas SL (2017) The unintended normalization of gambling: Family identity influences on the adoption of harmful consumption practices. *Journal of Macromarketing* 37(4): 426-443.
- Westrom M (2018) Bathing in Japan: Applying a practice theory vocabulary to energy use through ethnography. *Energy research and social Science*: 44: 232-241.
- Wolff A, Weber I, Gill B, Schubert J and Schneider M (2017) Tackling the interplay of occupants' heating practices and building physics: Insights from a German mixed methods study. *Energy research and social science* 32: 65-75.
- Yap JE, Beverland MB and Bove LL (2012) "Doing Privacy": Consumers Search for Sovereignty through Privacy Management Practices. In *Research in Consumer Behavior*. Emerald Group Publishing Limited.